

Mentiras que confortam

Randy Susan Meyers

Tradução:

Ana Paula Rezende Dias da Silva de Mello



PARTE I

Antes

CAPÍTULO I

Tia

Ser feliz à custa de alguém podia ter um preço alto. Tia imaginava ser julgada desde que Nathan e ela se beijaram pela primeira vez. Sempre esperava ser punida por estar apaixonada e, na verdade, acreditava que, quaisquer que fossem as consequências, ela as merecia.

Naquele domingo, estava um pouco enjoada depois de ter almoçado com Nathan. Eles haviam pedido muitos pratos diferentes. Os aperitivos amanteigados, o molho excessivo da salada e a carne gordurosa incomodavam o seu estômago. O bolo floresta-negra tinha sido o toque final, com tanto açúcar e chocolate. Cada vez que Nathan passava a mão na barriga, demonstrando certo desconforto, ela sentia que havia se tornado cúmplice dele em mais de um pecado.

Desde a infância, ela nunca gostou de comida pesada. Em vez de terem almoçado hoje, ela gostaria de ter esperado até o dia seguinte para que se encontrassem. Então, poderiam se sentar enrolados em uma manta para assistir à queima de fogos ouvindo a orquestra Boston Pops. O 4 de Julho era um feriado sem muitas expectativas, um dia perfeito para eles celebrarem.

Nathan apertou sua mão enquanto seguiam para o apartamento dela. Sua expressão de orgulho a deixava radiante. Ela tinha vinte e quatro anos, ele, trinta e sete, e aquela era a primeira vez que se apaixonava por um homem com conteúdo. Sempre que se encontravam, ela aprendia novos truques amorosos – detalhes que nunca contaria a ninguém, como a maneira como suas mãos se pareciam muito mais com as mãos de um caubói do que com as de um professor universi-

tário. Qualidades que podiam parecer comuns a alguém que teve um pai, acrescentou Tia à sua lista de competências de Nathan.

Na semana anterior, ele parecia o super-homem quando chegou carregando uma caixa de ferramentas, com a intenção de instalar um chuveiro que soltasse mais do que apenas um fiozinho de água. Preso à alça da caixa havia um cartão com a frase: “Isto é para você deixar aqui”.

Aquelas palavras fizeram Tia imaginar que ele usaria aquilo de novo.

Nenhum presente poderia tê-la deixado mais feliz.

Na maioria das vezes, ela achava Nathan perfeito. Seus braços eram musculosos; as costas, largas, e tinha uma rispidez nova-iorquina sarcástica, sempre acompanhada de um sorriso enviesado que a enlouquecia – bem diferente do humor dos garotos de South Boston que ela conheceu na infância. Seus conhecimentos a faziam sentir-se segura. A presença não tão frequente de Nathan oxigenava seu sangue. Enquanto ela acariciava a mão dele, o universo parecia se concentrar naquela simples conexão física. Sua vida havia se resumido a ficar com ele.

Ela havia passado horas chorando durante este ano de relacionamento com Nathan. Um homem com outra família, que não podia lhe dar muita atenção.

Quando chegaram ao apartamento em que ela morava, Nathan a abraçou por trás. Ela se inclinou e lhe deu um beijo por cima do ombro. Ele passou as mãos em seu corpo.

– Nunca me canso de tocar em você – sussurrou ele.

– Espero que isso nunca mude.

– As pessoas sempre mudam. – Um olhar desanimado tomou conta de seu rosto ao afastar-se dela. – Você merece tanta coisa.

Será que ele pensava que ela merecia estar sempre com ele? Tia colocou a chave na porta. E se tranquilizou ao pensar que Nathan acreditava que ela era uma pessoa especial.

Assim que entraram no apartamento, Tia correu para o banheiro, o que vinha fazendo com muita frequência ultimamente. Depois, passou bastante tempo secando as mãos e arrumando um vidro antigo

de perfume que ele lhe dera de presente e que estava fora do lugar. Sempre mudava as coisas de lugar, tentando fazer com que o cristal rosa combinasse com sua porcelana Ikea e com as peças que a mãe havia lhe dado. Seu apartamento parecia um palco de teatro quando Nathan a visitava. Ela passava horas antes de sua chegada olhando todos os livros de decoração e gravuras através dos olhos dele.

Ao voltar para a sala, Nathan lhe ofereceu uma taça de vinho.

– Ouça isso – disse ele. – Usei aquela frase de Groucho Marx, hoje: “Eu nunca faria parte de um clube que me aceitasse como sócio”, para exemplificar uma questão, e um aluno me perguntou quem era Groucho Marx.

Tia levantou a mão para recusar o vinho.

– Não, obrigada. Não estou com vontade.

– Aquela pergunta me fez sentir com cem anos de idade. Me diga a verdade. Você sabe quem foi Groucho Marx, não é? – Ele empurrou a taça na direção dela. – Pelo menos experimente. Acho que é o Merlot mais suave que você já tomou.

Quando ela recusou o vinho no almoço, ele não fez nenhum comentário. “Estou com vontade de tomar um refrigerante”, disse ela. Talvez pensasse que ela estava agindo como uma adolescente e houvesse achado aquilo bonitinho. Às vezes as coisas que ele achava bonitinhas a incomodavam.

– Aposte sua vida! – exclamou ela. – *Sopa de Ganso; Uma Noite na Ópera*.

– Obrigado. Voltei a acreditar nos jovens.

– Nossa diferença de idade não é tão grande assim. – Ela detestava quando ele mencionava isso. – Sou mais velha que os seus alunos.

– E mais inteligente.

– Isso mesmo, não se esqueça disso.

Quando ela contasse a novidade, o relacionamento deles mudaria para sempre. Não que fosse um relacionamento sustentável da maneira como era. Desde a primeira vez que dormiram juntos e ele disse “sou louco por você”, ela sempre quis mais. No começo, queria estar na cama com ele o tempo todo, e então queria que aquele anel no dedo dele tivesse o nome dela gravado. Quando sua paixão aumentou, ela

quis que o vinco de suas calças tivesse sido feito por uma lavanderia que ela tivesse escolhido, ou que as suas camisas tivessem o cheiro do sabão em pó que ela havia comprado.

Tia o encarou.

– Estou grávida.

Ele ficou com a mão ainda erguida, com o vinho na borda da taça prestes a escorrer.

Tia alcançou a taça.

– Você vai derrubar o vinho. – Ela colocou a taça ao lado dele na mesinha lateral.

– Então foi por isso que você não bebeu no almoço – concluiu ele.

Ele soltou as palavras tão devagar que Tia ficou aterrorizada. Apesar de saber que ele não queria aquela gravidez, ela queria ver pelo menos um sorriso – aqueles de cinema, seguidos por um beijo. Ela colocou a mão na barriga que ainda não existia e sentiu a náusea voltando. Por mais que tentasse, não conseguia parar de pensar em Juliette – onde ela estava, onde achava que o marido estava –, mas ele já havia deixado bem claro que aquele assunto não era permitido entre eles.

– Há quanto tempo você sabe disso? – perguntou ele.

– Descobri há alguns dias. Queria te contar pessoalmente.

Ele balançou a cabeça, terminou de beber o vinho e então se sentou. Entrelaçou os dedos e se inclinou até que os braços se encostaram em suas pernas. Olhou para ela, parecia sério, como o professor que era.

– Você vai cuidar disso, não é?

Tia afundou na poltrona em frente ao sofá.

– Cuidar disso?

– Claro, cuidar disso. – Ele fechou os olhos por um momento. Quando abriu, endireitou o corpo. – O que mais nós podemos fazer? O que mais faz sentido?

– Eu posso ter o bebê. – Ela não iria chorar. Se não conseguisse que nada mais desse certo naquele dia, pelo menos não choraria.

– Sozinha? Como aconteceu com a sua mãe? – Nathan passou a mão no queixo. – Você mais do que ninguém sabe como isso é difícil, não é, querida?

– Onde você vai estar? Você está planejando morrer? Desaparecer?
– Por trás de toda aquela coragem que ostentava, Tia estava se sentindo bem pequena. Sabia onde Nathan estaria. Em sua bela casa, ao lado de Juliette, sua esposa. A esposa que ela já havia espionado. A esposa que parecia como o sol e o céu. A esposa cujo brilho havia cegado Tia.

– Vou pagar o que for preciso para você cuidar...

– Cuidar... cuidar... – repetiu Tia. – Cuidar do quê? – Ela queria forçá-lo a dizer a palavra “aborto”.

– Meus filhos são tão pequenos.

Tia agarrou o braço da poltrona. Desejou o vinho que não podia beber.

– Não consigo dar conta de duas famílias. Por favor. Pense no que isso significa – implorou ele.

A pele seca de seu polegar rachou quando ela torceu as mãos. A gravidez já a havia modificado, deixando sua pele ressecada, além de obrigá-la a ir ao banheiro várias vezes em apenas uma hora.

Nathan se aproximou e colocou os braços em volta dela.

– A gravidez faz as mulheres romantizarem as coisas. Você acha que depois de eu ver o bebê o amor paternal vai tomar conta de mim e eu vou mudar de ideia. Mas eu não vou. Não vou abandonar a minha família. Não deixei isso sempre bem claro para você?

Ah, meu Deus. Ele estava gritando.

A família dele.

Ela achou que agora faria parte da família dele.

Idiota, idiota, idiota.

Finalmente, ela conseguiu falar.

– Não posso fazer isso, Nathan. Não posso fazer o que você está pedindo.

Nathan se afastou.

– Sinto muito, mas não tem como ficarmos juntos, Tia. Por favor. Cuide disso. É o melhor para nós dois. De verdade.



Aos seis meses de gravidez, o desconforto passou a ser normal para Tia. Ela sempre fora muito magra, mas agora estava bem pesada. Colocou

uma almofada nas costas para sentar-se no sofá, rodeada por cartas pedantes, fotos e dissertações de casais desesperados por seu bebê.

Tia havia se recusado a “cuidar disso” como Nathan quisera. As freiras de Saint Peter e a mãe de Tia também haviam feito um trabalho bom demais. Ela não conseguiu se livrar da gravidez por medo de ser assombrada por seu ato e não tinha coragem de ficar com a criança, então, aqui estava ela, aos seis meses de gestação, escolhendo uma mãe e um pai para o seu bebê.

Ao analisar os pais adotivos, deparava-se com escolhas impossíveis. Havia procurado entre centenas de cartas de homens e mulheres desesperados pelo bebê que crescia dentro dela. Mães e pais apareciam na sua frente rapidamente. Todos prometiam amor, quintais do tamanho de Minnesota e escolas de primeira linha.

Depois de tomar três xícaras de chá de hortelã, sentindo falta do café a cada gole, ela se limitou a escolher entre os três casais que mais lhe agradaram. Examinou as fotos e declarações e então as organizou como se fossem cartas de tarô. Depois, com medo de continuar encarando essa tarefa que apressava sua decisão, escolheu um homem e uma mulher que achou que seriam bons pais. Balançou as fotos dos dois em sua barriga e então mexeu nelas como se fossem bonecos de papel, encenando o que eles haviam dito durante a conversa que tiveram ao telefone, quando os dois pareciam estar bem certos do que faziam, além de serem bastante inteligentes e unidos.

– Alô, Tia – brincou ela com a boneca de papel, fazendo a voz de Caroline. – Eu quero o seu bebê. Sou patologista e faço pesquisas sobre câncer infantil. Meu marido tem uma família bem grande, e ele sempre gostou de crianças.

– E eu também sou conselheiro no acampamento de Paul Newman. Qual é o nome? Você sabe. Aquele de crianças com câncer? – O boneco de papel de Peter colocou a mão delicadamente no braço da boneca de papel de Caroline.

“O Bando do Buraco na Parede”¹. A boneca de Caroline abaixou a cabeça para não parecer prepotente.

¹ Gangue de bandidos norte-americanos chefiada por Butch Cassidy, que viveu no início do século 20.



Um mês depois, quando Caroline e Peter souberam que era uma menina, disseram a Tia que dariam a ela o nome de Savannah. Um nome idiota. Tia chamava o bebê que estava dentro dela de Honor, o nome do meio de sua mãe – também um nome idiota, mas não seria usado fora do útero e, além disso, idiota ou não, certamente era melhor do que Savannah. Por que não chamá-la de Britney e pronto? Se não estivesse tão ocupada cuidando de sua mãe doente, escolheria novos pais para sua filha.

Tia tropeçou enquanto pensava na sua escolha e esbarrou em um carrinho de comida que estava no corredor do hospital, que agora se tornara a casa de sua mãe. A distração era sua nova companheira. A distração, a necessidade constante de urinar e uma vida de reclusão. Tinha ido do ponto de existir apenas para esperar as visitas de Nathan para o ponto de carregar uma lembrança implacável dele. Cada vez que acariciava a barriga, sentia como se estivesse fazendo carinho nele. Por mais que tentasse, não conseguia transformar a tristeza em ódio.

Sua mãe era a única pessoa com quem se relacionava. Todos os seus amigos – com exceção de Robin, que morava na Califórnia, longe demais para visitar – pensavam que ela houvesse se mudado para o Arizona por um ano para fazer um mestrado em gerontologia, graças ao seu trabalho com os idosos. Na verdade, ela havia se mudado para Jamaica Plain, um bairro totalmente diferente do Southie.

Ao contrário de seu antigo bairro, onde ela via pessoas conhecidas em todas as ruas, Jamaica Plain era sempre uma agitação. Uma mistura de etnias, classes, culturas e idades. Sua única conhecida era a bibliotecária, para quem ela balançava a cabeça ao cumprimentá-la e perguntava como estava. JP era um lugar fácil para viver no anonimato.

Escolheu um lugar onde ninguém sabia nem mesmo seu nome. Ser motivo de fofocas ou de piedade não estava em seus planos. As economias da mãe sustentavam as duas. Tia quase não saía de casa. A vida havia se transformado basicamente em ler romances, assistir

TV e cuidar da mãe, que fora morar com ela até que a dor que sentia não permitiu mais que fosse cuidada em casa.

Entrou no quarto da mãe com passos de anjo. Era assim que a mãe falava quando Tia era criança e tentava entrar na cozinha para roubar biscoitos. “Querida, as mães conseguem ouvir os seus filhos mesmo quando eles andam com passos de anjo.”

Embora Tia fingisse o contrário, sua mãe estava morrendo enquanto seu bebê crescia.

– Mãe? – sussurrou ela.

O quarto continuou em silêncio. Tia cravou as unhas nas palmas de suas mãos e se inclinou sobre a cama. Ficou observando até perceber um leve subir e descer no peito dela. Sua mãe tinha apenas quarenta e cinco anos. O câncer no fígado havia acabado com ela em meses, embora Tia suspeitasse que a mãe escondera a verdade por algum tempo.

Estava internada havia vinte e três dias. Talvez, quanto mais jovem for a pessoa ao adoecer, mais tempo ela possa aguentar, ou talvez vinte e três dias seja a média, o normal – seja lá como se chama o período de tempo que a pessoa fica no hospital até morrer. Ela não tentaria descobrir. Talvez, se tivesse uma irmã ou irmão para ajudá-la, ela perguntasse, mas sempre foram apenas as duas, Tia e a mãe.

Morrer podia ser um processo bastante longo, e aquilo a surpreendia. Era de imaginar que seu trabalho com idosos a tivesse ensinado mais sobre a morte, mas ela trabalhava com a recreação dos idosos, não com aconselhamento. Jogos com palavras eram sua especialidade. Em seu trabalho, se um paciente não aparecia para jogar, ela logo ficava sabendo que ele havia morrido.

Uma pessoa não via a outra morrer.

Perder a mãe parecia algo impossível, como se alguém estivesse cortando a corda que a segurava na Terra. Ela ficaria totalmente perdida. Não tinha nenhum parente: nem tios, nem primos. Sua mãe desempenhava todos esses papéis.

Acomodou-se na cadeira ao lado da cama da mãe. Perguntava-se por que o hospital não dispunha de cadeiras confortáveis onde uma mulher grávida pudesse se sentar sem sentir dores, já que enfatiza-

vam tanto a importância do conforto. Pegou, então, um livro na bolsa. Era um livro de mistério tão simples que, mesmo que absorvesse apenas um quarto do que havia lido, ainda assim conseguiria entender a história. O exemplar de Jane Eyre de sua mãe, repleto de finais felizes mágicos, estava em sua mala, mas ela o estava guardando para ler em voz alta para a mãe após o jantar.

A mãe abriu os olhos.

– Está aí há muito tempo, querida? – Ela esticou a mão para Tia.
– Cansada?

Tia passou a mão na barriga.

– Sempre.

– Você não precisa vir aqui todas as noites, sabe disso, não é?

A mãe lhe dizia isso todos os dias. Era a maneira que ela tinha de dizer “Estou preocupada com você.”

– O cansaço não é um problema.

– É, sim, quando se está grávida.

– Quando se está grávida, se está grávida. Lembra? – perguntou Tia. – Foi assim com você também? Deixei você maluca mesmo antes de nascer?

A mãe se sentou com dificuldade. Tia ofereceu a mão para ajudá-la e então colocou travesseiros em suas costas. Sua pele, que costumava ser tão bonita – uma pele irlandesa pálida, que queimava com a mais leve exposição ao sol; era assim que sua mãe a descrevia –, agora era amarela em contraste com os lençóis.

– Eu me lembro de tudo da minha gravidez – disse a mãe. – Será que você vai conseguir esquecer?

– Mãe, por favor, não faça isso – pediu Tia.

– Preciso fazer isso, querida. – A mãe pegou os óculos na bandeja de metal que ficava grudada na cama. Depois de ajustá-los no rosto, pareceu mais saudável. Óculos, joias e outros acessórios pareciam totens contra a morte. Tia sempre comprava bugigangas brilhantes para animar a mãe. As contas azuis que compunham a pulseira de prata faziam barulho nos seus pulsos. “Elas combinam com seus olhos”, Tia comentou ao entregá-la à mãe na semana anterior.

– Você não quer um pouco de água gelada? – perguntou Tia.

– Não fuja do assunto. Ouça o que eu digo. Você precisa perceber o quanto ficará triste se seguir em frente com isso.

Isso era a palavra que a mãe usava para descrever o plano de Tia de dar o seu bebê para adoção.

– Eu seria uma péssima mãe!

– Você acha isso agora. Espere até segurar o bebê no colo.

Cada tentativa que a mãe fazia para evitar a adoção a deixava ainda pior. Cada motivo que Tia dava parecia menos convincente do que o anterior.

“Serei uma péssima mãe.”

“Não tenho dinheiro o suficiente.”

“Tenho vergonha por não saber quem é o pai da criança.”

Em vez de contar a verdade à mãe, ela fingiu ser uma mulher que dormia com vários rapazes ao mesmo tempo e, por isso, não sabia a identidade do pai de seu bebê. Aquela mentira horrorosa era melhor do que a verdade. Não podia contar para a mãe que tinha dormido com um homem casado – e que havia tentado roubá-lo da mulher.

Tudo o que ela dizia parecia ridículo. Talvez acabasse sendo mesmo uma péssima mãe: não tinha dinheiro, e seu segundo nome devia ser imaturidade, mas, se isso já fosse suficiente para abrir mão de um bebê, então, o mundo estaria cheio de órfãos.

Tia acariciou a barriga. Querido bebê, desculpe.

Ela havia crescido assombrada pelo desaparecimento do pai. Ao deixar escapar alguma coisa, a mãe revelara que ele havia escolhido viver com outra mulher. Havia decidido levar uma vida com mais diversão e bebida, coisas que a mãe puritana de Tia não aceitava muito bem. Para sua mãe, pior que dormir com um homem casado só o aborto.

Sem contar a verdade, Tia não tinha como dar nenhum outro motivo que fizesse sentido. Como poderia admitir que estava abrindo mão de uma criança cuja existência a lembraria de um homem que amava, mas com quem nunca poderia ficar? Como poderia Tia dizer isso a sua mãe se ela mesma não sabia se estava sendo a pessoa mais egoísta do mundo ou a mais altruísta?

– O bebê terá uma vida muito melhor do que eu vou conseguir dar a ele – disse Tia. – Sério, mãe. Você viu a carta deles, as fotos. O bebê vai ter bons pais!

Os olhos de sua mãe se encheram de lágrimas; ela nunca chorava. Não chorou quando Tia quebrou a perna e teve fratura exposta. Não chorou quando descobriu que estava com câncer. E não chorou quando o pai de Tia foi embora – pelo menos não na frente dela.

– Desculpe. – A mãe piscou e as lágrimas desapareceram.

– Desculpe? Meu Deus, você não fez nada errado!

A mãe dobrou os braços e segurou os cotovelos.

– Devo ter feito algo errado, sim, para você pensar que o seu bebê ficará melhor sem você. Você acha que a vida que tem hoje é a melhor que pode ter? Você não vê o futuro à sua frente?

Tia se encolheu como se fosse uma criança envergonhada, sofrendo ao imaginar que a mãe poderia morrer pensando que havia falhado em sua educação.

– Mãe, não é isso.

– Então, o que é?

– Só acho que esse não é o meu destino. – Tia colocou as duas mãos na barriga. Cada mentira que contava parecia afastar mais ainda sua mãe, justamente agora que elas precisavam estar mais próximas do que nunca. – Acho que ele não merece ficar comigo.

– Por favor, não decida nada ainda. Algo a está atormentando, e eu sei que não é o que você está me falando. Tudo bem. Mas, acredite em mim, se escolher sofrer em vez de ficar com o seu bebê, você nunca irá se recuperar.